

ANÁLISE DA SÉRIE “ONE DAY AT A TIME” DE ACORDO COM AS TEORIAS DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E DA MEMÓRIA AFETIVA¹

Daiane Zapelini Schulz²

Resumo: Este artigo tem a proposta de fazer uma análise da série *One Day At a Time*, da Netflix, baseando-se nas teorias da Sociedade do Espetáculo e da Memória Afetiva. Foram lidos diversos livros e artigos sobre estes assuntos, com a intenção de aprofundar o conhecimento em ambas as teorias e conseguir mostrar como as mesmas estão inclusas em diversos momentos da vida das pessoas, bem como na série. Assim foram analisados 4 (quatro) episódios da referida série.

Palavras-chave: Memória afetiva. Sociedade do Espetáculo. One Day At a Time. Representatividade.

1 INTRODUÇÃO

A análise dos episódios da série *One Day At a Time*, tem como objetivo mostrar qual a importância desta série que aborda tantos temas pertinentes, como o machismo, sexismo e a homossexualidade, de acordo com as teorias da Sociedade do Espetáculo e de Memória Afetiva, e de como a série e as teorias, de alguma forma, acabam se encontrando e conseqüentemente se completando em relação ao entendimento e vivência da sociedade moderna bem como dos fatos do cotidiano nos dias de hoje.

Ainda, de como a sociedade do espetáculo e a memória afetiva auxiliam no entendimento de algo que já está presente na vida das pessoas, porém, que nem todos conseguem entender sobre.

A Memória Afetiva se faz importante neste trabalho por muito falar de uma série televisiva que faz com que as pessoas criem algum sentimento por ela, e estuda-la faz com que de alguma forma se torne perceptível o porquê de criar laços, e de se falar sobre como a Memória Afetiva pode transformar a vida das pessoas.

O problema de pesquisa é: como a sociedade do espetáculo e a memória afetiva auxiliam na compreensão da análise de temas importantes na série *One Day At A Time*?

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pela professora Teresinha Rublenscki Silveira.

² Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: daianebsc@hotmail.com.

Foram utilizados como pesquisa bibliográfica para a análise, “A Sociedade do Espetáculo” de Debord, “Comunicação e Sociedade do Espetáculo” de Claudio Novaes Pinto Coelho e Valdir José de Castro, e também o livro “Memória Telefetiva” de Mario Abel Bressan Junior, estes foram alguns dos principais escritores e pensadores utilizados como base para a análise da pesquisa em relação a série.

No entanto, também estão inclusos diversos outros autores de livros e artigos. Este artigo é um estudo de caso com uma pesquisa qualitativa e descritiva sobre a serie *One Day At a Time*. Com objetivo de mostrar as relações que a Sociedade do Espetáculo, e a Memória afetiva tem, com a série One Day At a Time.

A importância desta pesquisa faz-se com a intenção de mostrar e associar a realidade das pessoas em seu cotidiano por meio da série, com fatos, teorias e pensamentos dos livros e artigos lidos, de como seria possível ver quais pensamentos e questões escritas na pesquisa fazem com que se crie um pensamento do que se encaixa como espetáculo ou memória afetiva, e também, de como e qual seria a compreensão em diversos ambientes na sociedade citados por meio das figuras retiradas da série.

Foram selecionadas 4 (quatro) cenas e/ou episódios da série para análise, baseando-se nas teorias da Sociedade do Espetáculo e Memória Afetiva.

2 SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Há muito tempo os seres humanos vivem em uma sociedade do espetáculo, onde tudo, mesmo sendo algo pequeno pode se tornar gigante. No mundo atual tudo se expande muito mais rápido.

De acordo com Debord (1997, p. 13), “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”.

Com isso, pode-se falar de como tudo hoje tem uma representatividade, mesmo sem que todos tenham visto ainda e assim, “o espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não vivo” (DEBORD, 1997, p. 13).

A teoria da Sociedade do Espetáculo mostra que tudo é possível e alcançável e que também pode tornar-se imprevisível, onde uma hora está sobre controle e em outro momento já não é algo que se pode controlar tão facilmente.

Essa teoria é crítica e aborda diversas situações do mundo que as pessoas podem ou não entender, já que nem todos sabem ou conhecem um jeito de como lidar com certas lutas e

descobertas. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas medidas por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14), e ainda segundo o autor:

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência: a unificação que realiza é tão-somente linguagem oficial da separação generalizada (DEBORD, 1997, p. 14).

Para Debord (1997) as imagens podem dizer muito sobre uma variedade de momentos, porém nem sempre pode-se confiar em tudo que está apenas em imagens, mas também, no que as pessoas devem participar e estar em volta de cada passo que o mundo dá em sociedade. Cada passo que a pessoa ao seu lado pretende dar para saber o espetáculo da vida daquele ser humano. E com isso, pode-se dizer que nem tudo se baseia em um princípio de confiança ou de prova, já que o espetáculo é presente de diferentes formas, é uma visão do mundo que se objetificou.

Pode-se falar que existem diversos tipos de espetáculo, alguns sendo mais visíveis que outros, mas que ao final, mesmo não sendo tão explícito nunca deixou de ser um. Qualquer detalhe pode tornar-se relevante. Por exemplo, se for para falar de ideologias daria para mostrar que existem várias e que quase todas tratam de assuntos diferentes uma da outra.

Coelho (2006, p. 9) cita que “estamos imersos num mundo de imagens coloridas, criativas, sedutoras, que nos divertem, mesmo quando nos chocam”. E assim tudo o que é possível dizer, mesmo quando se é impactado de forma negativa sobre algo, tira-se dali um aprendizado, algo positivo, mesmo sendo um fato triste ou inesperado. Com isso, nota-se o poder que uma imagem, um fato ou momento têm sobre as pessoas que habitam o mundo atual.

Diversas teorias onde um objeto e talvez uma pessoa em particular, é estudado(a) e objetificado(a) como uma peça importante de uma história, onde o passado importa tanto quanto o presente e quanto o futuro ainda vai mostrar-se importante. Em certo momento torna-se histórico. Um passo largo a ser falado e espetacularizado, em grandes ou pequenos lugares do mundo e vira um marco importante de descoberta e conhecimento, visto por pessoas com interesse em viver e descobrir a história de grandes momentos.

O espetáculo não é algo que se pode compreender totalmente, ele é nada mais do que uma visão do mundo que no fim se objetificou. E ao mesmo tempo é “o resultado e o projeto do modo de produção existente” (DEBORD, 1997, p. 14).

Há muitos modos de se falar sobre a Sociedade do Espetáculo e neste em si, tanto que assim pode ser citado o escritor:

Max Horkheimer, no seu texto “Teoria tradicional e teoria crítica”, publicado em 1937, argumentava que um dos principais elementos de diferenciação entre essas duas maneiras de se construir o conhecimento é que os conceitos da teoria crítica são conceitos históricos: não pretendem dar conta da realidade de todas as sociedades em todas as épocas, mas procuram compreender realidades determinadas historicamente. [...] O conceito de sociedade do espetáculo é uma tentativa de compreensão das características de uma fase específica da sociedade capitalista (apud COELHO, 2006, p. 13 e 14).

Para Coelho (2006) a fala de Horkheimer (1937) diz muito sobre como é possível conseguir conhecimento de diversas maneiras. Nos dias de hoje, é possível dizer que os meios de se conseguir informação e aprender estão cada vez maiores e mais evoluídos, porém tudo isso tem muito a ver com tudo que já foi falado antigamente, de tudo que já foi espetáculo e de tudo que ainda virá a tornar-se, justamente por tudo estar cada vez mais engajado. A sociedade de antigamente é diferente da atual, porém ambas possuem em comum a obsessão pela notícia e o modo que ela age em cada um.

Para Debord (1997) com as diversas formas e particularidades, como propaganda, informações, publicidade ou outros jeitos de consumo, o espetáculo concebe um modelo de vida dominante na sociedade atual. O espetáculo é também quase uma justificativa como peça importante do tempo já vivido fora dos meios de produção moderna.

Além disso, segundo Debord (1997) o espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Do mesmo jeito que diz que a contemplação do espetáculo em sua realidade materialmente vista, adere-se em uma forma positiva sobre algo que tem proporções de alguma maneira. Uma realidade objetiva pode estar presente para os dois lados, “assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto, a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (DEBORD, 1997, p. 15).

O espetáculo explica uma grande variedade de fenômenos aparentes e possui diversidades e contrastes, de uma aparência organizada e em prática reconhecida por sua diversidade geral. Considerando que o espetáculo é a “afirmação de aparências e a afirmação de toda a vida humana” (DEBORD, 1997, p. 16).

Também é possível dizer com toda certeza que “não há condições de deixar reconhecer a dimensão histórica da sociedade do espetáculo e a necessidade de repensar o seu conceito” (COELHO, 2006, p. 29).

Em cima disso, é citado ainda que, “a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como negação visível da vida que se tornou visível” (DEBORD, 1997, p. 16).

Todo espetáculo é apenas novidade até um ponto em que foi interpretado e estudado, ideias não podem se tornar espetáculo até serem transformadas em um material real.

Porém, nunca poderá ser dito que ideias e ideais não são importantes, pois são, já que criar algo é um passo para ajudar a salvar o mundo. Teorias são importantes, porém em todas elas são necessários dados e maneiras para defendê-las.

Segundo Marcuse (1982, p. 34) “o movimento do pensamento encontra barreiras que parecem ser os limites da própria razão”. O pensar é um campo aberto com portas abertas para o futuro. E isso faz pensar em como o espetáculo pode surgir de diversos lugares, da mente, da vida e da sociedade em geral.

No livro de Debord (1997), é muito falado sobre diversos fatos notórios que aconteceram em diferentes épocas e até décadas, que se tornaram relevantes e viraram notícias, as quais foram dadas e expostas para o mundo todo e que ficaram na boca do povo, questões de uma gigantesca importância em sociedade. Muitas dessas notícias ou espetáculos são muito falados, assim como o anarquismo.

É possível ver em diversas partes da vida, que em pontos de história e narrativa a necessidade torna-se relevante e faz com que tudo torne-se espetáculo (DEBORD, 1997).

De acordo com Debord (1997) esta sociedade pode ser um ambiente midiático, manipulado, já que nem sempre um espetáculo passa de apenas uma grande mentira sem fundamento e base, por pessoas que apenas querem ganhar algo em cima de tal fato. A manipulação pode acontecer antes ou depois do ocorrido, já que não se pode controlar pessoas e momentos, mesmo que em prol da garantia da verdade.

Assim como uma lembrança antiga de um fato importante, como a queda do avião dos Mamonas Assassinas, que de vez em quando vem à tona e novamente torna-se algo grandioso e muito comentado.

Mesmo sendo um acontecimento do passado possui uma importância que não se pode medir. Marques (2006) mostra que, assim como se planeja descobrir e mudar o mundo, também é importante vivenciar certos pontos e levar aquilo que foi uma descoberta para o futuro, para se dar conta de que o passado também ensina algo. Histórias e fatos provam pontos e verdades sobre algo. Mesmo que o preço de uma lembrança como essa seja doloroso, as emissoras e pessoas sempre buscam lembrar. Muitos nunca souberam disso por serem ainda muito jovens e não terem vivido aquele ano. Para Debord (1997), o espetáculo nem sempre será racional ou bonito, na maioria das vezes ele é apenas absurdo, gigantesco e é isso que importa naquele exato momento.

Em todos os dramas, fatos, histórias e descobertas há mentiras em torno do ocorrido, o que acaba sendo importante por de alguma forma existir um conflito. Todos os fatores de um acontecimento acabam se tornando uma grande “zona” ou poderia se dizer: espetáculo em volta

do espetacular. De como o pensar, a ilusão de imaginar, mostra a força de um momento. Como por exemplo, a Segunda Guerra Mundial ou como ter várias pessoas que veem notícias falsas e que continuam espalhando e com isso, que conseqüentemente talvez acabem virando mídia, espetáculo, mesmo muitas delas não sendo verdadeiras, viram uma bola de neve sem fim.

Por que quando algo é iniciado não tem fim assim tão fácil, ainda mais quando as pessoas acreditam apenas no que querem. Aquilo será comentado, discutido, estudado. Aquele momento será de alguma forma espetacularizado. “O avanço da espetacularização ocorre no mesmo período em que se dá a expansão dos grandes conglomerados econômicos que incorporam também grupos de comunicação” (PATIAS, 2006, p. 83).

Também é muito importante falar sobre quando

O leitor encontra um sentido de profundidade sobre as grandes contradições que compõem o mundo contemporâneo quando confronta a leitura dos fatos ou análises, das opiniões ou a interpretação do mundo, feita por um veículo de grande imprensa, com outro, cuja linha editorial e política seja bastante diferente e sua firma de produção não se organize segundo a racionalidade dessas grandes empresas de comunicação, isto é, a chamada “imprensa alternativa”. Esse leitor, portanto, estará não só se municiando de concepções muitas vezes opostas, da política, da economia etc., mas compreendendo o confronto ideológico e os interesses políticos que compõem a sociedade capitalista. A diversidade de opiniões e de perspectiva dos fatos, em cada veículo da grande imprensa, não é suficiente para abarcar ou representar todas as forças sociais que estão em conflito na sociedade capitalista (MARQUES, 2006, p. 51).

De acordo com a teoria de Debord (1997) sempre haverá uma linha de pensamento e estudo diferente da outra, e isso move e faz o ser humano pensar em como algo afeta, como uma notícia ou dado faz pensar e buscar entender aquilo que está acontecendo, de como uma notícia pode ser dada diferente da outra e de como ela pode ser modificada por aquele que pretende tornar isso um espetáculo ou um fato diferente do que ele já é, por algum tipo de interesse. Mudar totalmente aquilo que para ele já era uma certeza. Cabe a cada um entender o que de fato acontece e buscar a verdade para entender o que está sendo mostrado.

É possível mostrar “como uma forma de representação do mundo e de seus fatos, a imprensa pode se aproximar mais das verdades que explicam o funcionamento das sociedades modernas ou se afastar através de uma representação ideológica da realidade” (MARQUES, 2006, p. 52). Também, de como buscar o entendimento do que é verdadeiro ou falso.

A Sociedade do Espetáculo possui suas próprias crenças e teorias, de como aquilo funciona e é importante para o mundo, por ser algo verídico, que as pessoas acreditam e buscam saber sobre. Desenvolver uma fala sobre isso requer compreensão do que de fato o espetáculo tem a mostrar, reconhecer a sua importância. Nas questões de estudo e vida, é possível afirmar

a grande representação que nos ensina, como notícia, como acontecimento, em diversos meios sociais.

Debord (1997) fala sobre as histórias que envolvem o capitalismo e de como elas podem ser contraditórias, com as pretensões científicas que naquela época eram de se igualar a burguesia em produção mercantil. Essa ideologia implícita foi emperrada pelo fato que ao querer tal abundância, essa ideologia também acabou trazendo como complemento normal a liberdade de fazer com que milhares de opções espetaculares falsas se multiplicassem, sem ter um limite onde se tornava incompatível com a ideologia burocrática.

Pode-se dizer que nem tudo que foi planejado vai surtir o efeito desejado, ou sair como algo realmente importante naquele momento. Nem sempre o espetáculo fará sentido e achará um caminho certo, muitas vezes ele apenas está buscando uma saída.

O espetáculo para Debord (1997) é poder, demonstrar e fazer crescer o desenvolvimento na busca de comprovar sua crença para o mundo, comprovação de que ali há algo presente, pronto para ser mostrado. Este faz com que se tenha uma identificação com aquilo que é noticiado e politizado, mostra experiências e novidades, a espera de resultados. Revolução sobre o mundo vem se tornando cada vez maior e diferente do que já foi visto no passado, o qual antes era considerado o principal e mais importante.

É necessário analisar não só as variadas formas de recepção de um dado discurso em diferentes contextos, mas também a consequência desse discurso no processo social em sua totalidade, o que pode indicar a permanência de um conjunto de valores dominantes. E é o que podemos observar no esvaziamento, realizado pelos programas populares, de outras possibilidades de sentido que não o de mercadoria, impedindo a apropriação do discurso pelo popular e criando espaço para a vocalização de demandas sociais ainda silenciadas (SANDANO, 2006, p. 65).

Para Marques (2006) diversos programas de televisão e telejornais na atualidade, podem ensinar muito sobre diversas situações que acontecem em diversos lugares, do cotidiano das pessoas ou até mesmo perto delas, que muita gente não viu e conhece, ou que ainda não tem acesso e assim não possuem opiniões formadas sobre algumas coisas. Nem todo mundo tem total conhecimento sobre o que vem acontecendo no mundo e com isso não sabem diferenciar o que talvez seja o certo do errado. Muitas pessoas conhecem apenas a própria vivência e não sabem que talvez sua própria vida e história também seja algo a ser contado.

Para Debord (1997) uma história é sustentada por aquilo que é dito e demonstrado, por correlação de ser aquilo que as pessoas acreditam ser verdade. Mesmo existindo histórias que são baseadas em grandes mentiras e com várias pessoas acreditando, tornam-se gigantescas e conseqüentemente, reais. Nem sempre a realidade de uma grande história combina com uma quantidade de mentiras significativas criadas após ela ficar grande.

Histórias são histórias por já serem grandiosas por si próprias e por serem significativas, mas nem sempre pode-se dizer que elas são totalmente verdadeiras, já que a grande maioria explana tal conto por acreditarem que essa é a mais pura realidade.

Membros de tal momento histórico podem ser aqueles destinados a contar sobre o que sabem. As pessoas inventam tanto quanto as que comprovam que aquilo é verídico, e podem mostrar que tal fato não passa de apenas uma ilusão que se transformou em grandeza, mesmo a realidade sendo outra. Nos dias de hoje as “*fake news*” tem poder. Assim pode ser citado uma fala que diz muito sobre o que acontece nos dias de hoje “simular é fingir ter o que não se tem [...] a simulação causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do real e do imaginário” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8-10).

Para Debord (1997) e Marques (2006) a aplicação de algo no mundo baseia-se em lugares onde talvez as pessoas sejam privilegiadas com informações em uma composição de palavras e frases juntas para contar algo, por menos impressionante que seja. Ao expor um raciocínio ou pensamento de seus compromissos ideológicos, o ser humano quer mostrar que tem e/ou consegue ter conhecimento de sua própria história, de seu próprio show e espetáculo, onde expressam ânimo para mostrar suas ideias e expectativas sobre aquilo que é pensado, estudado e explicado, retirando em seu pensamento o conhecimento guardado e preparado para se tornar ensinamento.

Em compensação toda essa aplicação e expectativa pode ter sido em vão, já que nem tudo que é raciocinado, e não planejado, serve para se tornar algo de valor.

Há um consenso sobre o equilíbrio necessário na criação de algo, de uma teoria ou de uma história, onde se mede a importância dessa informação, que tem o poder de mudar um significado de vida, de transformar, de se mostrar importante para a transformação de uma sociedade.

Para Debord (1997) o estado crítico onde isso é verdadeiro se torna a escrita de um argumento que muda os diferentes meios e o significado de se pensar. É necessário mostrar e evidenciar a relevância de se falar sobre isso.

Debord (1997) também fala de fatos de como a industrialização fez com que o mundo mudasse em diversos fatores, que antes eram considerados mais importantes, porém que hoje em dia nem tanto, e vice-versa, pois continuamente o mundo muda, sua sociedade muda, e a capacidade de pensar, inventar e planejar de acordo com o tempo e os anos que se passaram também.

Ainda, Debord (1997) diz que com isso e a modernização na época em que houve a luta de classes para conseguir uma melhor condição, o proletariado perdeu toda a afirmação

de sua expectativa autônoma e suas ilusões, porém não perdeu o seu ser. Permanecendo irredutíveis na alienação intensificada de um capitalismo moderno.

Diante de todos os fatos acontecidos e das descobertas do proletariado podemos dizer que, “ele traz em si a revolução que não pode deixar nada fora dela mesma” (DEBORD, 1997, p. 81). E também, “uma dominação permanente do presente sobre o passado” (DEBORD, 1997, p. 81).

Nisso tudo Debord (1997) mostra que há uma grande construção de independência e poder, onde o que se busca são condições melhores e uma qualidade de vida, uma melhora para toda aquela insatisfação hierárquica, pela falta de integração, pela busca da reparação histórica de um mal sofrido desta ação, que mesmo esperada se amplificou e nem tudo saiu como o planejado. Sempre irá acontecer uma luta.

Com tantos acontecimentos desde muito tempo atrás pode-se perceber as mudanças e a divergência entre diversas coisas. Falando em uma parte importante de um passado recente onde era muito comentado sobre questões operárias e dos operários que queriam uma espécie de revolução para a sua história, através do movimento proletário. No meio disso tudo houve a criação de um conselho, o qual dizia para todos aqueles que acreditavam no momento que o proletário era dono de seu próprio poder, de seu produto e esse produto é o próprio produtor. Este é seu próprio fim, e só assim “a negação espetacular da vida é por sua vez negada” (DEBORD, 1997, p. 83).

O surgimento desses conselhos naquela época foram um dos ápices do movimento, mesmo passando grande parte despercebidos, pois desapareceram com o resto do movimento e desta experiência histórica que ali “desmentia e eliminava” (DEBORD, 1997, p. 84).

É preciso encontrar a própria forma, por diversos motivos históricos em uma luta. Certas coisas não representam necessariamente uma segregação ou classe. Nesses casos como em uma organização revolucionária, nem sempre deve-se reconhecer como uma “separação radical com o mundo da separação” (DEBORD, 1997, p. 84).

E assim dizendo sobre os fatos importantes em que se citavam a questão da organização revolucionária daquela época, pode se dizer que ela é a expressão coerente da teoria de práxis que “em comunicação não unilateral com as lutas práticas, em devir para a teoria prática. Sua própria prática é a generalização da comunicação e da coerência nessas lutas” (DEBORD, 1997, p. 84).

Isso quer dizer que onde há uma luta deve haver uma conversa, comunicação é a prática de tudo aquilo que vai ser feito e exposto para todos, algo concreto e que tenha sentido para o entendimento e coerência naquilo que foi dito e conseqüentemente ouvido. Não existe

luta ou causa que não precise de diálogo e concordância. Tudo que é falado e dividido com o mundo precisa fazer sentido com provas, fatos e informações importantes e relevantes.

Em tudo que já foi dito e considerado válido, não existe sucesso em algo que não tenha armas ou melhor dizendo, que não tenha uma estratégia, com direções a serem tomadas e por onde seguir. Isso é a essência para dar um passo importante e para frente. O principal na busca de uma causa ser reconhecida, tem muito a ver com a organização revolucionária, citada por Debord (1997).

Há sempre um modo de lutar contra o deterioramento no espetáculo reinante, onde se deve reconhecer após uma certa parcela ou limite que é necessário perceber o que está sendo feito e o que ainda se pode aproveitar de toda a sua luta. Entender tudo que ali pode ser melhorado entre pensamento, teoria e prática. Nessa questão a meta seria mostrar que nem sempre vai ser possível “combater a alienação sobre as formas alienadas” (DEBORD, 1997, p. 85).

Ainda citando Debord (1997) pode se dizer que nem sempre será possível mudar algo que já está impregnado sobre alguma coisa ou sobre a cabeça de outra pessoa. O entendimento da prática humana deve ser mostrado, reconhecido e, conseqüentemente vivido pelas massas já que as pessoas aprendem aquilo que vivem.

A classe burguesa quis impor regras na classe proletária de como deveriam viver. Porém, o proletariado percebeu e mostrou a todos que pode tomar suas próprias decisões e comandar o jeito de viver com suas próprias mãos. Mesmo percebendo que tudo era difícil, nunca deixaram de acreditar na luta por aquilo que viviam e sentiam e de como queriam mudar seu próprio mundo. “A teoria revolucionária é inimiga de toda a ideologia revolucionária” (DEBORD, 1997, p. 86).

Na base do conhecimento e de como o mundo mudou ao longo dos anos, podemos falar sobre a indústria cultural no mundo atual e também mostrar como, já no passado, ela teve importância, e assim dizer que

Na argumentação de Adorno e Horkheimer (1947), na indústria cultural quase tudo se torna negócio e, enquanto tal, seus fins comerciais são realizados por meios de sistemas de exploração de bens considerados culturais. Apesar do desenvolvimento tecnológico e científico, as soluções apresentadas pela indústria cultural aos problemas da humanidade são apenas aparentes (PATIAS, 2006, p. 87).

Com a indústria cultural e revoluções em volta dela acontecidas na Europa e em muitos lugares, pessoas se favoreceram, principalmente o comércio, fazendo com que o capitalismo ganhasse ainda mais força, e se tornasse ainda mais estruturado, pois “os valores

humanos foram deixados de lado em troca do interesse econômico. O que passou a reger a sociedade foi a lei de mercado” (PATIAS, 2006, p. 88).

Para Adorno e Horkheimer (1947) tudo se torna negócio e a indústria cultural teve total papel nisso, nem sempre ela é racional, muitas vezes ela só busca grandeza e lucro, bem como interesses para o seu próprio bolso. Ela produz seu próprio espetáculo, para assim se mostrar interessada no que está acontecendo no mundo, e de suas necessidades, para obter seus frutos em cima disso. (apud PATIAS, 2006).

É possível falar que “na sociedade de consumo, a lógica do espetáculo não permite reconhecer o próprio espetáculo produzido. Não vemos, não percebemos, é diário e contínuo. São várias dimensões: quando divulgamos ideias, notícias, produtos, imagens, estamos produzindo espetáculo” (PATIAS, 2006, p. 91).

E falando do espetáculo nos meios de comunicação pode-se falar que:

Nos últimos tempos assistimos a uma multiplicação dos espetáculos nos mais diversificados meios de comunicação. O próprio espetáculo está se tornando um dos principais organizadores da política, da economia, da comunicação, da religião, da sociedade em geral e da vida cotidiana. O espetáculo, a serviço do econômico, passa a ser um meio de divulgação, reprodução, circulação e aumentar o seu poder de lucro, a cultura da mídia promove espetáculos cada vez mais sofisticados que, impulsionados pelo poderio econômico, passa a ser parâmetro da vida em sociedade. [...] É comum vermos noticiários com características de entretenimento, uma espécie de notícia e espetáculo. [...] A cultura do espetáculo se expandiu em todas as áreas da vida (PATIAS, 2006, p. 92).

Para Patias e Marques (2006), no mundo atual, onde cada vez mais estão sendo criados novos meios de compartilhar notícias, pode se observar que o espetáculo quer dizer absolutamente muita coisa, que tudo que é citado, tocado e estudado, de alguma forma pode acabar transformado ou ser mudado totalmente de contexto.

Na atualidade pode se falar muito como tudo mudou e o que ainda irá mudar. Tudo é espetáculo, principalmente se for para se falar dos problemas atuais da sociedade do século XXI.

3 MEMÓRIA AFETIVA

Para Cristiane Finger no prefácio do livro *Memória Teleafetiva* (2019, p. 16), a “memória pode ser individual, mas também é construída em sociedade”. E isso diz muito sobre a forma que convivemos com outras pessoas, e de como absorvemos o aprendizado que acontece no dia a dia, tudo isso se torna algo a se lembrar, de como é possível conviver em

sociedade e aprender algo junto a alguém, que permanecerá talvez até o resto da vida daquela pessoa.

Bressan Jr (2019, p. 19) fala sobre como “as lembranças coletivas, bem como a identidade social dos indivíduos, marcam uma trajetória no tempo e espaço. Mesmo sendo subjetiva, a memória é um tipo de narrativa que volta a ser rememorada com as percepções e lembranças”. Com isso, é possível falar como certos acontecimentos no cotidiano conseguem afetar as pessoas, porque aquilo talvez lembre algo que já foi vivenciado por alguém no passado e que, conseqüentemente, um mínimo detalhe traz uma lembrança, sendo ela positiva ou não.

Bressan Jr (2019, p. 19) fala que “nesse sentido, as lembranças e as percepções estão juntas, uma depende da outra para acontecer”, como explicado por Henri Bergson (1999, p. 70, apud BRESSAN JR, 2019, p. 19), as “nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança [...] não se faz presente a não ser tornando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere”.

Bressan Jr (2019, p. 19 e 20) diz então que “desta forma, a memória fica inseparável da percepção, intercalando o passado no presente condensando momentos variados e que, com isso, percebemos em nós a matéria, ou seja, o conjunto de imagens e a sua relação com os objetos exteriores”. Com isso é possível perceber que nunca vai ser possível fugir de fatos e partes da vida que ficarão na memória, e que nem sempre aquele momento irá ser lembrado ou sequer percebido naquela hora.

Assim como talvez ler um livro e após anos achar que nunca realizou a leitura do mesmo, e não perceber que já passou por aquele acontecimento, ou talvez lembrar após começar a relê-lo que aquele momento está acontecendo novamente e que a memória, novamente, virou realidade.

Na pessoa existem duas memórias: a dos fatos e a das emoções ligadas ao fato, isto é a Memória Afetiva [...] que representa o resíduo emotivo das experiências existenciais, especialmente das mais significativas. De fato, podemos esquecer os acontecimentos, não porém, as emoções que eles provocam ou que, de alguma maneira, a esses estão ligados (CENCINI, 2002. p. 130).

Para Bressan Jr (2019), é importante entender como a memória funciona, e em como ela acaba sendo essencial para as diversas áreas que a sociedade participa, já que cada vez mais é possível perceber a volta de elementos do passado, assim se mostrando um presente nostálgico, composto de lembranças e memória.

Com isso é possível falar que:

[...] o compartilhamento da memória não pode ser entendido como um simples repasse de informações, mas como um “lembrar junto”. Reconhece-se que é possível

confrontar lembranças entre indivíduos, o que, aliás, ajuda a confirmá-las e fortalecê-las. Porém, entender esse compartilhamento exige que se reconheça que a forma subjetiva de memória – memória hábito – é também compartilhável, o que explica a reprodução dos hábitos, códigos e crenças dentro de um grupo (MOREIRA, 2009, p. 24, apud ALVES, 2017).

Nora (1993, apud ALVES, 2017), diz que a “história nada mais é do que a representação parcial do passado, pois dá voz a um único narrador, estático e universal, cruza os espaços da História com a Memória, que é contada através de vestígios e silêncios”.

Em tese pode se dizer que, o narrador é a pessoa que está construindo seu próprio ser, seu próprio futuro, uma vida, e que ao longo do tempo, aprendeu algo com suas próprias convicções, com a sua vivência e tirou de sua própria história algo para relembrar e ser útil em algum momento da vida, uma memória que o ajudou a encontrar um rumo na busca do seu próprio caminho.

É possível mostrar que de acordo com Hyussen (2000, p. 67, apud BRESSAN JR., 2019, p. 20) que “como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro”.

Para Alves (2017) a memória afetiva pode ser considerada como uma construção ou como uma ficção de algo já vivido e que está sempre ancorada em bases concretas: ambientes, odores, texturas, cores, sons e espaços.

Bressan Jr (2019) diz que no mundo atual as pessoas estão cada vez mais nostálgicas e a prova disso é que assim estão pré-dispostas a comprar cada vez mais produtos relacionados ao seu passado, e conseqüentemente, empresas obtém lucro com a memória afetiva das pessoas e a vontade delas de relembrar seu passado de alguma forma com produtos. E nessa questão de convívio e lembranças em sociedade

Hyussen (2000) lembra que a memória da sociedade é acordada no corpo social dos valores, crenças, instituições e rituais. Os museus, memórias e monumentos por exemplo, formam memórias públicas, desfazendo o esquecimento por parte do próprio público. O recordar é que nos liga o passado e a forma como rememoramos define como estamos no presente (apud BRESSAN JR., 2019, p. 20).

Em relação a lembranças e a representação que isso tem para os telespectadores é possível falar que

Há um prazer em reassistir um programa. Se a recordação é um dos elementos que explicam como vivemos o presente, como dito por Hyussen, é preciso olhar para o atual telespectador e tentar perceber a importância que este tipo de programação possa ter na sua construção de identidade e na sua relação com o mundo (BRESSAN JR., 2019, p. 21).

É possível dizer muito sobre uma pessoa, sua personalidade e sua vida baseado nos programas que ela assiste, porque é possível dizer que esses programas televisivos têm muito poder sobre alguém, sobre o seu aprendizado consigo mesmo, sobre as características televisivas e de personagens, os ensinamentos que aquela personagem passou em relação ao que foi mostrado naquele momento por aquele programa televisivo.

Podendo perceber assim que

A televisão como um instrumento que transformou hábitos sociais e globalizou culturas. Desde a sua implantação, várias foram as suas fases e surgem distintas discussões, mas ela permanece como meio de comunicação influente na transmissão de informação, cultura e entretenimento (BRESSAN JR., 2019, p. 21).

E também é possível mostrar que

Acreditamos, desta maneira, que nossa identidade é constituída de todas as nossas experiências de vida e estão, necessariamente ligadas aos ambientes em que as vivemos. Lugares que evocam, de alguma maneira, partes destas memórias compartilhadas, lugares com identidade própria, conferida pelos habitantes ou usuários destes ambientes e a forma como estes se inter-relacionam (ALVES, 2017).

Da mesma forma que Alves (2017) fala de lugares em relação a lembranças e identidade, é também possível incluir um programa ou novela específico, e até mesmo um momento criado por si próprio, como experiência e memória na busca do autoconhecimento de alguém.

Pierre Nora expõe os lugares de memória como aqueles onde apreendemos nossa diferença, a imagem do que não somos mais. (Op cit. Augé, 2011, p. 53). Assim, esses lugares de memória nos convidam a olhá-los como um pedaço de história (ALVES, 2017).

É necessário dizer que “os momentos vividos com mais afetividade são os mais lembrados” (BRESSAN JR., 2019, p. 21), serão os que podem ser lembrados em diversos momentos da vida de alguém, sendo baseados na sensação de prazer, enquanto assistiu uma novela ou serie ou quando viveu um momento bom, sozinho ou acompanhado.

Para Bressan Jr (2019) televisão é um instrumento que consegue transmitir muitas emoções, ideias e sentimentos, conseqüentemente influenciando no processo de construção de um ser humano e na sua socialização com os outros.

E que isso é capaz de evocar em grande parte muito mais emoção do que reflexão sobre algo que pode atingir o inconsciente. O autor ainda cita que “são as emoções que condicionam a percepção da realidade” (BRESSAN, 2019, p. 21).

Ainda, para Bressan Jr (2019) estudar a memória afetiva das pessoas e essa relação ao emocional da memória, é importante para se compreender como tudo isso relacionado

impacta e pode alterar o comportamento de alguém e provocar diversas reações a partir de algo que as fez lembrar de um momento importante da sua vida, ou acontecimento de seu passado.

Pavan e Maia (2007) citam em seu artigo, uma fala de Iván Antonio Izquierdo em que ele diz que:

Todas as memórias se formam a partir de experiências [...] O aprendizado é aquisição de memória. Aprendemos pelas experiências e o número delas é literalmente infinito. Lembrar-se do que foi aprendido é o que chamamos memória. A única forma de avaliar o aprendizado é medir a memória que ele deixa ou quando esquecemos dele (IZQUIERDO, apud PAVAN e MAIA, 2007).

É muito importante entender tudo que acontece em relação a memória afetiva direcionada a algo, e perceber como ela funciona em relação a programas televisivos e novelas, e também a vários outros meios de comunicação e vídeos existentes no mundo atual.

Ao acrescentar a imagem em movimento, a televisão agiliza o processo de percepção dos telespectadores e a realidade passa a ser vista por intermédio deste suporte midiático constituído de visualidade eletrônica, em que se mesclam interativamente textos escritos, sons e imagens (PAVAN; MAIA, 2007).

Assim mostrando que “muitos indivíduos hoje em dia se sentem profundamente envolvidos por tudo o que a mídia faz, muitas vezes discutem com paixão seus pontos de vista, tem percepções interessantes, e devem ser incentivados a examinar e analisar a cultura em que mergulham tão fundo” (KELLNER, 2001, p. 83).

É possível falar que a televisão influencia muito nas preferências das pessoas ao longo dos anos e da vida, com os programas que elas irão assistir posteriormente, e em como serão afetadas por programas que gostam e se identificam, também como reagiriam em relação a uma programação que não caiu na graça dos mesmos, em como elas se sentirão cada vez mais impactadas com algo que já viram.

Porém, do mesmo jeito parariam para assistir de novo, se aquele programa foi um clássico de seu passado recente, ou um muito mais antigo, que teve presença nas questões pessoais, de afeto ou até mesmo na construção de caráter do ser humano.

As novelas e hoje em dia, as series, causam um grande impacto, emoção e comoção nos telespectadores que as assistem todos os dias.

E isso tem muita influência com tudo que a televisão e os autores planejam passar para a pessoa do outro lado da tela.

Essas cenas indicam até que ponto a cultura da mídia fornece material para a formação de identidades e de que modo as diferentes subculturas se apropriam de imagens diferentes para identificação. Assim, a identidade é formada sobre um terreno de luta, no qual os indivíduos escolhem seus próprios significados culturais e seu próprio

estilo num sistema diferencial que sempre implica a afirmação de alguns emblemas identitários e rejeição de outros (KELLNER, 2001, p. 211).

E mesmo muitos se sentindo influenciados por aquilo que é mostrado, buscam em si construir suas preferências e buscar as suas próprias identidades, e tudo pode ter um significado.

Alguma memória compartilhada e vivida por duas pessoas pode ter total divergência de significado, por que mesmo vivendo essa parte juntos, entenderam a mensagem de uma maneira completamente diferente e pessoal, assim tirando suas próprias conclusões daquilo que foi mostrado ou ouvido, e logo em seguida, entendido.

Funcionando da mesma maneira para o recebimento e entendimento de notícias, e também do modo como os telespectadores podem entender isso ou qualquer outro meio. De alguma maneira em relação a isso tudo, é possível falar que “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação” (HALL, 2014, p. 41).

A memória dos acontecimentos, o pensamento, a racionalidade, os fatos em si e a emoção ou carga emocional, são elementos constitutivos do ser humano e marcam a sua subjetividade. A memória é o local onde são alojados os resíduos emotivos das experiências existenciais vivenciadas pelo sujeito. Devido à carga emocional, contida na experiência, no fato ocorrido (memória do fato), mesmo esse sendo esquecido ao longo dos tempos, a carga emocional (memória afetiva) ligada a esse fato, permanece gravada. Isso faz com que seja possível ser reavivada e tornar-se novamente presente pela vivência de uma situação semelhante ao ato ou ao fato que a gerou, pois carrega a bagagem do passado. A esse fenômeno psíquico denomina-se Memória Afetiva. Ela reativa a emoção ligada ao fato ocorrido no passado a partir de uma situação análoga vivenciada no presente (FERMO, 2015).

É importante frisar a fala de Bressan Jr (2019, p. 29) onde diz que

Foram com imagens que a televisão passou a exibir e narrar fatos e acontecimentos. Durante sua existência, percebemos a maneira como modificou lares e comportamentos sociais. Desde a alteração dos cômodos da casa até as múltiplas telas e formas de assistir, acompanhamos sua história, no país e no mundo.

E isso tem muito a dizer sobre o modo que as pessoas buscam se encontrar em meio as notícias que saem na televisão ou outros meios de comunicação, e tantos outros acontecimentos do dia a dia.

Para Cádima (2006 p, 53) a televisão produz e recicla as identidades coletivas, além de criar mecanismos simbólicos partilhados “uma vida simbólica comum” o que, para o autor, pode ser percebido como uma estratégia de agenciamento de conteúdo. Esses caminhos direcionam para experiências privativas e comunitárias (apud BRESSAN JR., 2019, p. 36).

É muito falado em relação a todo o ambiente e entendimento que a televisão nos proporciona, e Cannito (2010, apud BRESSAN JR., 2019) explica que uma das funções da televisão é proporcionar espaços de identidades e debates públicos, através de recepção e participações coletivas.

É possível dizer que “imagens e sons também falam de tempos e espaços necessários de serem lembrados e pensados para que se conheça ainda mais quem é esse telespectador do mundo contemporâneo” (PAVAN; MAIA, 2007).

E também que “na memória dos acontecimentos são alojados os resíduos emotivos das experiências vivenciadas pelo sujeito que, mesmo o fato sendo esquecido, o resíduo permanece, é a memória afetiva” (FERMO, 2015).

Bressan Jr (2019, p. 46) diz que

O fato de ter a sensação de estar assistindo uma programação na televisão temática junto com outros telespectadores ao mesmo tempo, mas em ambientes distintos, para Walton, não tem a mesma função na comunidade e sim participação. Para ele (1996, p.114), “a sensação de participação e de comunidade não tem absolutamente o mesmo sentido.”.

É necessário perceber que em grande maioria, todos os autores citados têm algumas ideias ou modos de dizer diferentes uns dos outros, porém todos têm o mesmo tema e embasamento para mostrar que essa teoria tem um pensamento e certeza muito parecido entre todos, de como é importante estudar a fundo tudo que é falado e embasado em volta desse sentido de memória afetiva e televisão e etc.

Não é possível fugir hoje em dia de como a TV é, e do fato da mesma trazer tanta informação e nostalgia em alguns pontos do dia a dia e de sua programação.

4 ANÁLISE DA SÉRIE *ONE DAY AT A TIME*

A série *One Day At a Time* é remake de uma sitcom de comédia e drama que aborda diversos temas importantes na atualidade, ela foi baseada na também sitcom de 1975-1984 que tinha o mesmo nome.

É uma serie que fala sobre questões como identidade de gênero, homossexualidade, doenças mentais, problemas como o alcoolismo, vício em drogas, racismo, machismo e sexismo.

Também sobre veteranos de guerras com TEPT (Transtorno do Estresse Pós-Traumático) e de como ter esses problemas podem, de certa forma, dificultar ou acabar com o psicológico ou a vida de alguém.

A protagonista Elena Alvarez é uma personagem lésbica, feminista, em busca do reconhecimento das suas causas e lutas.

É uma personagem que mostra como o feminismo é importante nos dias de hoje, e como as mulheres podem mudar primeiramente suas vidas e conseqüentemente o mundo.

A família da série é formada por personagens que são cubano-americanos que vivem em Los Angeles, e a série mostra todos os problemas que eles lidam e como outros latinos lidam com isso também (MIX FM POA, 2019; BLOG MODERNAGEM, 2019).

Busca-se mostrar com isso os entendimentos aprendidos com Debord, Bressan Junior e afins, e como eles são usados para embasar o ponto de vista da população em meio a um programa televisivo ou série em um site/aplicativo na internet. De quem busca realmente conhecer mais a fundo do que qualquer outro e aprender sobre aquilo que nem sempre é mostrado.

Figura 1: Imagem meramente ilustrativa para representar os personagens da série.



Fonte: Metro Jornal (2019).

Episódio 1: O machismo e desigualdade no ambiente de trabalho.



Fonte: Instagram (2019).

A primeira cena a ser analisada é uma da primeira temporada, precisamente, representado pelo episódio 1. Vivemos em um mundo que está em constante mudança, e com isso é possível perceber que assuntos que antigamente, épocas ou décadas atrás, não eram discutidos.

Toda essa mudança só é possível por conta da evolução do mundo, onde as pessoas que antes não tinham voz, conseguiram seu lugar de fala e assim decidiram mostrar para o mundo que eles são pessoas com os mesmos direitos que os outros. Com isso é possível mostrar que qualquer assunto que antes não era falado, virou espetáculo, por que a população decidiu lutar e abordar os temas que antigamente não eram abordados.

A sociedade do espetáculo tornou-se presente no cotidiano, e importante para aqueles que queriam discutir sobre os problemas que antes ninguém via e não eram falados. Pois trouxe conhecimentos diferentes daqueles que já eram discutidos em sociedade.

De acordo com o que foi citado na primeira parte teórica, onde Debord (1997, p. 14) cita que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas medidas por imagens”.

É possível assimilar isso com a imagem do episódio 1 e de como na série, o mesmo, tem um impacto na sociedade, mostrando a realidade de diversas mulheres em seus ambientes

de trabalho. O espetáculo mostrado na série atinge a todos aqueles que vivem uma situação igual a esta, e também a outros que presenciaram em algum momento situações parecidas.

O espetáculo mostrado diz muito sobre como esse conjunto atinge uma certa parte da população, e mostra que as relações sociais entre pessoas de diferentes classes, etnias, e gênero, podem ser vistas e subjugadas por aquilo que se é vivido, também de como a fala em torno de imagens e vídeos faz com que ao mesmo tempo pessoas amem algo e também odeiem, por tanta desigualdade e problemas visíveis na sociedade.

Sendo assim, ao citar Debord (1997), a realidade surge do espetáculo, e vice e versa, porque o espetáculo surge muitas vezes da realidade virando algo espetacular.

É possível perceber o quanto o espetáculo mostrado nessa série, por meio da discussão de grandes questões sociais e pessoais vistas hoje em dia na sociedade, consegue transmitir uma grande quantidade de pensamentos sobre esse tema.

Ainda, em como certas atitudes podem ser mudadas, ou se tornam mais notórias quando discutidas. Na figura representada pelo episódio 1, é possível comparar a uma frase de Debord (1997), onde uma crítica quando atinge uma verdade do espetáculo descobre que a mesma pode ter uma negação visível de uma parte da vida ou fato que se tornou visível.

Ao mesmo tempo que a série, quanto ao episódio representado pelo número 1, critica algo, ela fala a verdade.

O machismo antigamente não era um assunto tão falado, e a série como uma grande “mídia” social/televisiva, e em certos pontos, até uma vitrine em questão de pensamentos e questões de opiniões, transforma o tema em algo ainda maior e mais visto por meio de todo um texto planejado.

Mostra a importância que ao tornar aquele fato, tema ou questão um espetáculo, ao levantar ponto de discussão e possivelmente, entendimento em diversas mídias e meios sociais, por pessoas diferentes, construa-se algo relevante para o mundo e sociedade.

De como o espetáculo ali visto faz pensar sobre tantos assuntos importantes, que são falados em diversos lugares. Assim é possível compreender a fala de Debord (1997) que em uma comunicação unilateral, onde nem todos entendem ou possuem alguma forma de compreensão da mensagem, a mensagem pode ser entendida de duas diferentes formas.

A própria prática dela é a generalização da comunicação e da coerência na busca do encaminhamento da mensagem para a compreensão e da coerência de fala, demonstração e vida nessas lutas.

Conforme Debord (1997) o espetáculo se torna espetáculo quando alguém o percebe e o “expõe” para todo o resto, assuntos importantes como a discussão sobre o machismo e os males que ele faz a uma mulher e se tornam visíveis quando pessoas ou programas televisivos expõem as causas e envolvimento em um tema específico e levantando questões sobre tais atitudes ali presenciadas e discutidas.

Espetacularizar temas importantes como este e mostrar o todo que envolve uma discussão que levanta nas pessoas a questão de posicionamento, como dito anteriormente baseando-se no pensamento de Debord (1997) onde qualquer pequeno detalhe pode se tornar um fato relevante.

Com isso, seguindo pensamentos de Patias (2006) levantar temas importantes como o citado na imagem representada pelo episódio 1, geram pensamentos e espetacularização em torno do assunto, mostrando ainda mais qual a importância e questionamento levantados na sociedade, bem como o auxílio para diversas pessoas e lugares, que é tornar visível os problemas e soluções relacionados.

É necessário dizer que muitas séries e novelas têm uma importância imensa, pois como diz Coelho (2006), estamos imersos num mundo de imagens coloridas, criativas, sedutoras, que nos divertem, mesmo quando nos chocam. E isso diz muito em relação ao episódio e a série citada.

Pois até mesmo quando a série apresenta criatividade, comédia e diversas outras cenas engraçadas e dramáticas, ela sempre estará ensinando algo, chocando e fazendo com que todos aprendam algo com aquele momento.

Assim se torna algo oportuno onde é possível perceber a real intenção e qual a principal ideia dos escritores e produtores, ao mostrar aos telespectadores o espetáculo.

De acordo com Patias (2006), por muitas vezes, a lógica do espetáculo não permite que o próprio espetáculo produzido se reconheça. Com isso, não percebemos ou vemos muitas coisas, pois elas acontecem diariamente e continuamente.

E então quando são divulgadas notícias, ideias, produtos e imagens, conseqüentemente estamos produzindo espetáculo e os transformando em mensagens para os receptores e telespectadores, que por meio disso conseguem entender aquilo que está sendo falado.

Patias (2006) ainda diz que o espetáculo acaba tornando-se um dos principais organizadores da sociedade, da comunicação e da vida cotidiana em geral. Presenciando isso é possível entender o quanto certos momentos produzidos e vivenciados em séries, fazem com que a população perceba pequenas coisas que antes não percebia.

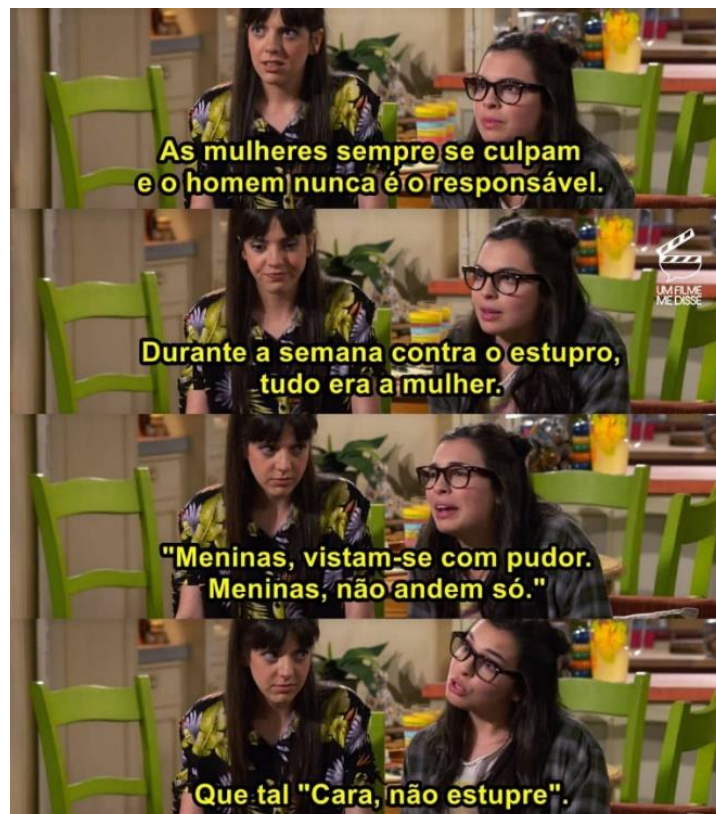
A partir da figura, representada como episódio 1 é visível como personagens fictícios lidam com os problemas da sua própria vida, e como o espetáculo ali vivido se encaixa em situações de pessoas alheias e como isso serve de parâmetro para a pessoa que está assistindo com relação a sua própria vida, assim se tomando perceptível uma memória afetiva, como disse Fermo (2015), anteriormente.

Como Patias e Marques (2006) disseram, a notícia está sempre sendo compartilhada, e então, tudo sempre acaba tornando-se notório e muitas vezes interessante de mostrar à sociedade. Com isso, tudo vira espetáculo, tudo sempre será falado, principalmente se for necessário discutir e visualizar os problemas vividos neste século.

A televisão produz seu próprio mundo espetacular, sua própria cena da vivência, da espetacularização, talvez até um certo cotidiano espetacular da televisão que nem todos conheceram.

E conseqüentemente o espetáculo do real, visto à sua maneira e segmentação, visto por diferentes pessoas, de diversas maneiras, e com vários jeitos de entendimento e suposição, daquilo que é transmitido, e do que se é mostrado dentro de um lugar, a qualquer um que tenha entendido e tenha sido atencioso ao que foi mostrado.

Episódio 2: Machismo estrutural e conscientização sobre a cultura do estupro.



Fonte: Facebook (2019).

Ao analisar a Figura representada pelo episódio 2, é possível usar como exemplo a citação feita por Coelho (2006), onde por mais criativas e sedutoras que as imagens possam ser, elas ainda chocam.

E ao perceber todo o diálogo representado e descrito na figura, é visível o tanto que as palavras expressadas de um jeito contundente e “espetacular”, podem fazer com que todos possam entender a importância de falar sobre assuntos de representatividade, consentimento e conscientização sobre pessoas, lugares de fala e respeito.

Conforme Debord (1997), mesmo quando é falado do espetáculo de uma forma negativa, em muitos casos é possível aprender com ele e tirar algo positivo sobre o fato acontecido e exposto.

Para Debord (1997) o espetáculo nada mais é que a afirmação da aparência e da afirmação própria de toda a vida humana.

É possível associar isso com o fato de que por mais que se lute para tornar um fato algo maior, além do que uma pessoa diz, muitos irão acreditar em coisas que talvez não façam sentido e que apenas se baseiem em coisas pessoais, e não em algo como um grupo ou sociedade, e diversos estudos comprovam a veracidade e competência.

Muitos acreditarão que apenas aquilo em sua própria cabeça é verídico e deixarão de acreditar na beleza que algo espetacular e demonstrativo sobre a vida no mundo pode ensinar e mostrar sobre diferentes assunto.

Em questão ao pensar e a crença de acreditar apenas em si mesmos, é possível mostrar e discutir a citação de Marcuse (1982) onde o mesmo diz que o movimento de pensar pode encontrar paredes, algo em frente, que pode ser o limite da própria razão.

Ao abordar o tema da série a imagem representada pelo episódio 2 expõe fatos.

É possível dizer que ao relacionar isso a memória afetiva, “as lembranças coletivas, bem como a identidade social dos indivíduos, marcam uma trajetória no tempo e espaço [...] a memória é um tipo de narrativa [...] com as percepções e lembranças” (BRESSAN JR., 2019, p. 19), fazem com que o ser/estar de alguém em meio a sociedade e televisão, cria em certos casos uma ideia própria de entendimento, memória e lembrança sobre tal coisa.

Visualizando a mensagem passada, é notório o quanto ela mostra ser uma fala e cena impactante, a qual gera uma memória afetiva. Mesmo sendo de uma forma negativa sobre a questão afetividade, sobre um fato que acontece no cotidiano.

O episódio assim como o anterior, fica na mente do telespectador que busca e quer entender a mensagem a ser passada, e então, absorve o que ali foi dito, aprendendo no hoje, algo que será importante para o agora e para o futuro.

Segundo Fermo (2015), mesmo quando não há uma memória totalmente afetiva, que envolva afeto, isso envolve memória sobre algo.

Cencini (2002) diz que as pessoas podem esquecer os acontecimentos em relação a algo importante, porém não podem esquecer das emoções que provocam em relação aos acontecimentos da sua própria vida, e que os dois de alguma forma estão ligados.

Com isso é possível dizer que por mais que cenas como essa provoquem incômodo ou raiva, por não concordarem com aquilo que foi dito e vivenciado, ou por não aceitarem que aquilo realmente existe, possam esquecer de tais acontecimentos na série, porém não podem esquecer das principais sensações e emoções que sentiram com aquilo.

E isso é a memória afetiva em relação ao seriado, porque até quando alguns odeiam os fatos demonstrados que acontecem no dia a dia com algumas pessoas, sentiram algum sentimento ou emoção, e isso, conseqüentemente, teve alguma parte de espaço e tempo na vida das pessoas que as viram.

Episódio 3: A depressão e suas sensações.



Fonte: Instagram (2018).

De acordo com Marques (2006), de alguma forma a representação do mundo, através da imprensa, pode fazer com que as sociedades modernas se aproximem mais das verdades que explicam o funcionamento das mesmas, ou afastar através de um modo ou representação ideológica da realidade das pessoas e do mundo.

E isso se encaixa muito com a figura representada como episódio 3 e com todas as coisas que ela quer mostrar para a população que assiste, para seu telespectador, que pode ter diversos sentimentos com aquilo que está sendo falado e sobre o que uma pessoa acaba sentindo.

A televisão e a internet possuem um papel fundamental na busca e recebimento de mensagens, áudios e vídeos, e possuem em sua grande maioria muito impacto na vida das pessoas por meio da transmissão de suas séries, e de pensamentos mais atuais junto as mesmas.

Por meio do seu grande alcance, todo espetáculo transmitido por meio de uma série, busca manter seus telespectadores e também trazer novos.

A forma de espetacularizar um tema como esse por meio de exemplos doloridos, fazem com que todos pensem um pouco sobre a sua própria vida e sobre o cuidado em relação ao seu pessoal e também com as pessoas a sua volta.

A imagem representada pelo episódio 3 faz com que todos pensem em como a sociedade se sente, ao receber uma mensagem como aquela transmitida de uma forma impactante e sofrível ao nível de um grande espetáculo, onde todas as atenções estão voltadas para uma questão importante como a depressão. Também pelo fato de como pessoas com esse problema, precisam de ajuda profissional e também de todo o conforto e carinho das pessoas a sua volta em torno do entendimento do problema.

Por mais que muitos achem que não existe, não falar sobre ele seria um outro grande passo para o retrocesso de toda a contribuição da televisão a sociedade ao tornar um fato, dados, e um problema importante.

Conforme Coelho (2006) o espetáculo que ele é, e que por mais que seja triste, fala também sobre questões como essa em busca de mostrar todas as informações e versões possíveis sobre algo importante, como um tema como esse.

Com isso é possível associar a fala de Sandano (2006) onde diz que as pessoas devem analisar não apenas as diversas formas de como um dado é recebido em diferentes contextos, mas também, as consequências que esse discurso traz para a sociedade no processo social de sua totalidade, onde poderia indicar a permanência de um conjunto de valores dominantes.

Episódio 4: Luta LGBTQI+.



Fonte: Instagram (2019).

A cena mostra a protagonista em busca de aceitação da sua orientação sexual por parte de seu pai. Muito por conta do preconceito enraizado do seu pai, um cubano à “moda antiga” que acreditava que sua filha deveria seguir os pensamentos dele e viver como todos antes viveram.

Assim, de acordo com a teoria da memória afetiva em relação a diversos itens na sociedade, é possível citar o pensamento de Nora (1993), de que a história em sua grande parte é uma representação parcial do passado, pois em sua grande parte, dá voz a apenas um narrador, que ali permanece universal e estático, onde cruza os espaços da história com a memória, que é contada de maneiras diferentes como silêncios e vestígios.

Podemos ver que a opinião dele se faz muito por conta de tudo aquilo que lhe foi ensinado, e em tudo que ele já viu em outras situações de sua própria vida, colocadas como fala sobre como ele esperava que sua filha fosse, e na não aceitação de como ela é.

Com isso é perceptível, de acordo com a imagem que representa o episódio 4, que o personagem está buscando construir seu próprio presente, e assim consequentemente um futuro. Mostra a necessidade de uma opinião positiva de seu pai sobre ela, que ela espera e precisa de uma aceitação dele, para conseguir se encontrar feliz com todos a sua volta. Entendendo o fato dela ser a pessoa que é por conta de sua história de vida, por que conforme

Bressan Jr (2019) a sua memória afetiva é aquela construída por aquilo que a mesma já viveu e presenciou, e de todas as outras coisas que já aconteceram com ela.

De acordo com Hyussen (2000, apud BRESSAN JR., 2019), como indivíduos e sociedade, necessitamos do passado para construir e sustentar identidades, muitas vezes as nossas próprias e alimentar assim uma visão do futuro.

Em relação a isso, o episódio 4 fala muito sobre a auto aceitação da própria personagem, de acordo com os sentimentos e vivência da mesma, em busca da aceitação de seu pai. Ambos tem uma memória afetiva diferente um do outro, e conseqüentemente têm ideias de passado, presente e futuro não consistentes em relação a ideia do outro, daquilo que para cada um é considerado certo e errado.

A cena representada pela imagem no episódio 4 pode ser citada de uma forma que abrange o todo por trás daquela cena e fora dela, como Bressan Jr (2019) diz que recordar é o que faz com que estejamos conectados com o passado de alguma forma, e a maneira como rememoramos isso define como estamos no presente.

Com isso é necessário incluir que o modo do pai lidar com a sua filha, se assumindo e lidando com a situação, tem muito a ver com uma memória afetiva presente na vida do mesmo. Ao longo de sua existência, já que por ser alguém mais velho, aprendeu a ser assim e a ter pensamentos contraditórios aos de hoje em dia, perante a sociedade moderna.

A memória afetiva ajuda a construir uma identidade, ao passo que a identidade do outro e a compreensão de algo que foge das suas mãos, parece ser diferente a de todos os outros no mundo.

Ainda analisando o episódio 4, é interessante falar que de acordo com Bressan Jr (2019), a televisão é um grande transmissor de notícias, dados e etc, um grande instrumento que acaba constantemente transformando hábitos sociais e globalizando culturas, o que fazem com que se iniciem diversas discussões e fases distintas na sociedade.

Com isso, é possível perceber que ao analisar esta figura, como um grande instrumento, demonstre cenas cotidianas e questionáveis sobre a vida das pessoas no mundo atual.

O pai nessa figura tem a impressão que o seu modo de ver o mundo e a sua versão afetiva de aprendizado são os que devem ser seguidos. Mesmo a questão de afetividade nesse sentido, não tem uma concreta compreensão da intenção a ser falada.

Porque assim como Bressan Jr (2019) diz, os momentos vividos com uma certa e grande afetividade serão os primeiros a serem lembrados.

Porém, uma memória afetiva de aprendizado, de certo e errado é diferente de uma pessoa para outra, contanto que é visível perceber a intenção do pai, em compartilhar a sua vivência de memória afetiva, de alguma forma com a sua filha, por mais estranho e diferente que se espere.

Portanto, Bressan Jr (2019) fala que a televisão é um grande instrumento, que consegue mostrar a todos diversas emoções, sentimentos, e ideias, que assim ajudam na construção do ser humano, então é possível dizer que o episódio 4 transmite exatamente todas essas sensações ao telespectador quando o mesmo o assiste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi possível perceber qual a sensação e compreensão que uma série de televisão tem em relação a duas teorias importantes vividas e discutidas na faculdade e sociedade, bem como do entendimento que elas podem ter em relação a Sociedade do Espetáculo e da Memória Afetiva, mas também em relação ao entendimento que subjetivamente as pessoas tem disso e aos temas relacionados na série.

Todos os objetivos de pesquisa foram atingidos, as formas de se relacionar e analisar baseados nas teorias mostram a captação de pensamentos sobre o mundo e afins.

É possível dizer que não, não seria possível viver em um mundo onde não pudessem ser citadas as teorias faladas neste artigo, porque em grande maioria das situações vividas pelas pessoas em seus cotidianos, as duas teorias podem ser incluídas para avaliação, em que assim a situação talvez possa ser compreendida de uma forma diferente, relacionada a sociedade do espetáculo e a memória afetiva, já que essas duas teorias auxiliam muito no entendimento de fatos que por muitos podem ser entendidos.

E também é possível dizer que essas teorias auxiliam na total compreensão das situações escolhidas para análise, estes episódios relacionados a série podem ser avaliados e de certa forma entendidos, de acordo com os pensamentos questionados e mostrados neste artigo.

Foram possíveis perceber na análise o quanto as cenas, representadas pelas figuras numeradas de 1 a 4, são diferentes e de alguma forma parecidas ao seguinte fato; de todas mostrarem situações realmente verdadeiras, situações e acontecimentos que várias pessoas viveram ou presenciaram diariamente em certos lugares.

E de como as teorias lidas e estudadas de algum modo podem dar uma certa noção sobre os fatos acontecidos e os reais motivos por trás dos pensamentos de explicar ou entender a série vista aos olhos dos telespectadores que assistem a mesma.

Sendo assim, é possível concluir esse trabalho dizendo que todos os objetivos questionados, levantados, todas as metas traçadas e problemas foram discutidos e assim, chegando à conclusão que a teoria da Sociedade do Espetáculo e a da Memória Afetiva são importantes para auxiliar o entendimento da série, de quem busca a fundo querer entender ela, apenas não como a parte já mostrada pela mesma subjetivamente na televisão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Cláudia Nunes Alves. **Identidade do lugar e memória:** o papel do afeto na preservação e uso de espaços públicos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – Campus Avançado Maricá. Rio de Janeiro – RJ, 2017.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação.** Lisboa: Relógio D'água, 1991.

BLOG MODERNAGEM. **5 motivos para assistir One Day at a Time.** Disponível em: <http://www.blogmodernagem.com.br/2019/02/5-motivos-para-assistir-one-day-at-time.html>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

BRESSAN JUNIOR, Mario Abel. **Memória Teleafetiva.** Florianópolis: Insular, 2019.

CENCINI, Amedeo. **Os sentimentos do Filho:** Caminho formativo na Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2002.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e Sociedade do Espetáculo.** São Paulo: Paulus, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

FACEBOOK. **Um filme me disse.** Disponível em: <https://www.facebook.com/umfilmemedisse/posts/770858416604021/>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

FERMO, Ricardo Demenech. **As funções da memória afetiva no anúncio do ressuscitado em Lucas 24, 13-35.** 2015. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Teologia, Centro Universitário La Salle – Unilasalle, Canoas, 2015.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2014.

INSTAGRAM. **Cenas de Séries.** Instagram: clubedaseries. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/Buw9rZdF2aN/?igshid=1fwjess4asztf>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

INSTAGRAM. **One Day At a Time Brasil**. Instagram: odatbra. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2RjuwJBEgB/?igshid=a5ta9m1h24cc>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

INSTAGRAM. **Você não está sozinho**. Instagram: vcnestasozihx. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BjNrF-_lQTH/?igshid=11jfs97g5jell. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: O Homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARQUES, Fábio Cardoso. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

METRO JORNAL. **Netflix anuncia cancelamento de série 'One Day At A Time'**. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2019/03/14/netflix-anuncia-cancelamento-de-serie-one-day-time.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

MIX FM POA. **One Day At A Time: uma comédia séria**. Disponível em: <https://www.mixfmboa.com.br/one-day-at-time-uma-comedia-seria/>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

PATIAS, Jaime Carlos. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

PAVAN, Maria Angela; MAIA, Marta Regina. **A memória afetiva da Propaganda**. In: Congresso de História da Mídia - Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 5., 2007, São Paulo.

SANDANO, Carlos. A informação-mercadoria do jornalismo e as novas formas de trocas culturais na sociedade globalizada. In: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de. **Comunicação e Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.